



AS ESTRELAS TAMBÉM MORREM

2 atos de
AMARAL GURGEL

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

As estrelas também morrem.

Original de AMARAL GURGEL.



Carcereiro...Carcereiro, que horas são?... Não responde...como sempre. E que custava dizer:"cinco e meia, seis?" Não custa responder. Mas você não fala. Nem você, nem ninguém. Esta é uma terra de mudos...Eu não preciso do seu relógio, carcereiro. Eu leio no céu a marcha do dia ou da noite. No sol ou nas estrelas eu tenho o meu relógio. Não marca minutos, segundos, como o seu. Mas diz: amanhecer, meio dia, entardecer, noite, madrugada. E para mim dizem mais que isso. Eu sei que são cinco e meia ou pouco mais. Porque eu fui pastor, sabe? Vocês estão cansados de saber quem sou, ou melhor, quem fui. Eu é que logo não saberei mais onde estou, nem o que faço ou porque vivo. Estava habituado à solidão, mas no campo aberto, com meu cão e minhas ovelhas. Assim não. Não se deixa um homem assim, em silêncio, tanto tempo, como estão fazendo comigo. Assim, não. Vocês me dão comida duas vezes por dia, e água para beber. Mas isso não basta. Eu preciso falar com alguém, saber das criaturas que conheci um dia...Um dia!...Faz um ano ou faz um século? Você que me dá o pão, carcereiro, porque me nega uma palavra, uma só aos meus? que lhe custa cuspir-me um insulto? Eu me sentiria menos só, compreende? Mas você não fala. Ninguém fala. Todos emudeceram. Eu sei o que desejam. Querem que eu enlouqueça. Mas eu resistirei. Preciso resistir para me defender perante os juizes. Porque eu não sou um covarde, um traidor...Não sou...não sou...Vou ter calma. Falta tão pouco... Uma noite. Apenas mais uma noite. Talvez mais um dia, se tanto. E estou livre...Livre disto, dessa solidão, deste silêncio que escorre lento e pesado como óleo. Eu falo sózinho...mas não estou louco. Nem fiquei louco. No campo eu falava com as minhas ovelhas, com as estrelas... Aqui converso com as paredes. Porque vocês todos são feitos de pedra... Todos, não. O padre que me visita uma vez por semana tem ouvidos para me ouvir. E fala-me de perdão."Perdoai seus carcereiros, filho, pois não o fazem por mal. Eles sofreram muito..." O padre não sabe é que eu já perdoei a todos, há muito tempo. Eles é que não me perdoam. Eu tenho pena deste povo. Mas ninguém tem pena de mim. Ninguém! Até eu não sinto pena deste desgraçado que está preso há tanto tempo! Carcereiro, que dia é hoje? Terça feira, homem de pedra. Terça feira. Eu fiz o meu calendário. Aí na porta. Não conseguem me fazer perder a noção do tempo. Os dias do mês são mais difíceis de guardar. Os da semana, mesmo que um infeliz chegue a mistura-los, perder a conta, é fácil recomeçar. Existem os domingos. Nos domingos o sino da igreja bate alegre e feliz pela manhã toda. E vejo passar criaturas com suas roupas de festa. Depois então é só recomeçar. E ao fim de poucos meses eu já havia separado um som para cada dia da semana. Domingos, o sino batendo. Segunda feira, o canto das lavadeiras na beira do rio...Um canto que vem de longe, tão distante, tão irreal que parece ser um eco de saudade. As terças-reiras à tarde...Hoje é o dia em que a moça da esquina dá a sua

licção de violino. Eu sei que é licção...Nos outros dias ela estuda horas variadas. As terças feiras ouve-se o piano acompanhado. É uma hora exata. A licção que ela está estudando agora é difícil. Sei de cór, sei até os pontos em que ela erra, precisa voltar...As interrupções... As cinco e meia ela começa a estudar. Hoje está atrasada. Ela está doente, carcereiro? Não, porque ainda pela manhã esteve estudando. O professor deve ter se atrasado. No mês passado ele faltou um dia. E eu senti a sua falta. Não fiquei sabendo se foi o professor que faltou ou se foi a moça que ficou doente. Creio que foi ela porque durante uns tres ou quatro dias não ouvi música. Depois ela passou por aqui e pude ve-la de longe, estava pálida, com olheiras profundas. Creio que esteve doente...Eu sei que é ela que estuda porque...Por que sei? Eu deduzo pelos moradores da casa. O velho, velho demais para estudar. A velha tem os dedos engruvinhados de reumatismo. Só existem a moça e uma empregada. Só pode ser a moça de olhos fundos e tristes. Está ouvindo, homem de pedra? Está ouvindo? Ela vai tropeçar daqui há pouco...Agora o professor vai mostrar...Ele tira um som diferente. Se eu pudesse voltar a viver outra vez queria ser violinista, sabe? Andaria pelas ruas, tocando o meu violina, fazendo feliz a todos que me ouvissem, e comendo onde me dessem. Músico mendigo, ou mendigo músico...Se ao menos eu tivesse a minha flauta. Os carneiros gostavam de ouvir a minha flauta nas tardes calmas. E até o meu cão fiel sentava-se nas patas trazeiras, entortava a cabeça e ficava escutando. Está ouvindo, carcereiro? Você não escuta coisa alguma. É feito de pedra...De pedra...Carcereiro, meu amigo, acenda o meu cigarro. Podiam me dar fósforos. Não dão. Receiam, talvez que eu deite fôgo nesta prisão. Não faria isso. Mas é bom que me neguem até mesmo fósforos. Porque assim você me acende o cigarro e fica daí dessa janela a me vigiar...E eu posso ve-lo enquanto dura o meu cigarro. Depois entrego-lhe a ponta ou atiro-a pela janela às suas vistas. Não posso ter arma de espécie alguma, nem fôgo, nem mesmo um cinto. Vocês receiam que eu me enforque. Para que, se o meu fim será esse, enforcado? Mas vou ser enforcado por mãos estranhas. As minhas mãos já mataram. Mas agora devem se purificar neste suorimento. E eu não vou destruir a vida que Deus me concedeu. Ontem escutei o cantar das lavadeiras. E como sabia que vou ser julgado hoje, foi como uma cantiga de adeus que o vento me trouxe. Que Deus abençoe as lavadeiras de mãos brancas que continuarão indo para a beira do rio bater as suas roupas. Elas irão morrer um dia, mas ficarão as filhas, e depois as filhas de suas filhas...Só o rio será sempre o mesmo. Mas como existirão sempre mulheres lavando roupas, o espetáculo há de parecer o mesmo. Pobres mulheres que esfregam roupas à margem do rio, com os pés dentro d'água. Lavadeiras de mãos brancas, lavadeiras cantadoras, porque não lavais a alma deste povo? Este povo tem a alma suja de sangue. E ainda quer mais...Veja bem, carcereiro, estou só apagando o cigarro. Tenho poucos. E preciso guarda-los, poupa-los para logo mais à noite. Parou o violino. O professor já demonstrou o que deseja. Que pena! Agora o -

As Censura de Divulgaçã
D. P. F.
Sei de cór

instrumento vai para as mãos da mocinha de olho fundo. Ela se apres-
rá entre o queixo e o peito magro. E irá fazer arremedo de música. To-
da terça feira é assim...O mesmo instrumento e tem outro nome. É ela...
É ela...As mãos do professor devem ser grandes e feias. As mãos dela
são longas como lírios, e brancas, e belas. O instrumento é mesmo e
as mãos bonitas não conseguem a melodia pura. Por que? Carcereiro, o
violino é o mesmo e não tem culpa. Nós também somos apenas instrumen-
tos. Instrumentos nas mãos do destino. Que culpa podemos ter se o Des-
tino fez de mim um condenado e de você um carcereiro? Nós não temos ~~culpa~~
culpa. Somos todos inocentes... É por isso que eu perdoo este povo e
já perdoei você ha muito tempo, meu amigo carcereiro. Você me despreza,
sente nojo de mim, eu sei. Foi o que disse no primeiro dia em que me
fecnou aqui. Depois não me falou mais. O silêncio faz parte do castigo
que eu devo sofrer. Mas eu o perdoei e você já não me despreza tanto,
eu sei. Nem pode. Quase um ano que estamos nos vendo. Que eu lhe falo
sem obter resposta..Você está triste porque sabe que eu vou morrer ho-
je. Não por mim, pela minha sorte, mas por você. Eu parto e você fica-
rá aqui nesta prisão. Você é carcereiro e é prisioneiro também. A úni-
ca diferença é que você fica além das grades e é substituído à noite.
À noite você está livre e pôde ir se deitar com a sua mulher. E eu te-
nho pena de voces, de você e de sua mulher, muita pena. São dois estra-
nhos que dormem juntos. Você chega em casa, come a sua ceia calado.
Sua mulher fala-lhe das crianças, da vida, dos animais...E você não
escuta. Está como agora está aqui, fumando o seu cachimbo e olhando
para dentro de si mesmo. Depois vão se deitar. Amam-se e não encontram
nada para dizer um ao outro, pois vivem em mundos diferentes. São ape-
nas dois animais que se encontram...Você tenta falar a sua esposa. E
que pôde lhe dizer. Contar-lhe o que sucedeu durante o dia nesta pri-
são, falar de mim...E eu estou presente até mesmo em seus sonhos. Deve
ser horrivel viver assim, com uma companheira e numa solidão enorme,
num vazio enorme...Duas pobres criaturas que se uniram para viver em
solidão. Pela manhã você vê seus filhos que saem para a escola, corren-
do, apressados, e tenta lhes falar. Mas que há para lhes dizer? Fala
de mim.-O prisioneiro está desesperado. O julgamento é amanhã... Ele
hoje chorou. Ele ontem cantou." Você fala das coisas que eu fiz, das
coisas que eu disse. Porque eu passei a fazer parte de sua vida, como
o meu cão pastor fazia parte da minha. E seus filhos não escutam suas
palavras, ou melhor, escutam sem ouvir. As palavras batem no cérebro
sem entrar no coração. Não formam éco na alma, porque o assunto é tolo,
repisado, sem interêsse. Há um ano que estamos juntos, como que algema-
dos um ao outro. Você esperando a aposentadoria, e eu esperando a mor-
te. Hoje à noite eu vou partir. Vou ser julgado. Se me condenarem, o
que é quase certo, morrerei ao amanhecer, pendurado numa forca. E você
estará sosinho. Se me absolverem, irei embora, em passos largos, fugin-
do desta aldeia, e você ficará só, do mesmo jeito. Você sentirá a minha
falta, não é verdade? Eu me lembrarei sempre de você, carcereiro. Sou

um homem que só sabe amar. Aprendi a lhe querer, sabe? Como amigo... como irmão... Eu lhe quero, amigo... Meu amigo! Amanhã, quando você abrir esta porta, deixando-a sem ferrolho, e entrar aqui com uma vassoura para varrer tudo, terá a sensação que limpa a sala de onde saiu um morto amigo. Não ouvirá a minha voz e ficará procurando-a, como eu procuro ouvir o canto das lavadeiras. Você sentirá a minha falta, não é verdade? Diga que sentirá a minha falta e eu ficarei contente. Diga... Que lhe custa dizer: Sentirei a sua falta, traidor sujo e covarde... É um insulto, mas terá o calor de uma frase amiga, compreende? Porque a morte não é tão difícil quando sabemos que alguém vai sentir a nossa ausência... Por que não fala, homem de pedra? Você jurou, como todo este povo, que não falará comigo. Não me falam mas sentirão a minha falta. Você e as crianças que passam aqui, depois da escola, para me atirar pedras e gritar ofensas... E eu fico agarrado às grades da janela servindo de alvo para elas, escutando suas vozes agudas e sorrindo com amor. Porque eu amo as crianças desta aldeia, sabe? Elas são boas. Apenas sofreram. E começaram a vida com uma série de hábitos. Aprenderam a ir a Igreja aos domingos, a ir a escola nos outros dias. A correr e saltar e também a odiar o prisioneiro que está esperando julgamento. O traidor que entregou esta aldeia aos inimigos... É uma pena que essas pobres crianças comecem a vida odiando. Amanhã quando passarem por aqui olharão as grades da janela e eu não estarei ali. Não terão em quem atirar os seus torrões de terra, e sentirão a minha falta, como você, carcereiro, como todos. Até o padre que vem me trazer livros, que conversa comigo e que me ensina histórias. O padre disse que a minha inteligência é como a água pura da fonte. Que eu aprendo fácil, que os ensinamentos brotam em meu cérebro como sementes boas em terras férteis. Disse que se meu pai me tivesse levado à escola eu seria doutor. Mas meu pai levou-me aos montes e me fez pastor. Eu mal sabia ler... Foi neste ano de cativo que eu aprendi muita coisa. E há mais, muito mais a aprender... Há palavras que eu queria aprender em todas as línguas. Palavras bonitas como: Amor, Esperança, Fé. E tantas outras. Com um punhado de palavras eu poderia percorrer o mundo e ir atirando-as como grãos de trigo. Como a palavra perdão que o padre me ensinou. É parecida em quase todas as línguas: Pardon, Perdono, Perdão... Em alemão é diferente: Guade. Eu a diria a todos os povos, de todo o mundo! O violino... Já não toca. Por que? O professor estará dando explicações ou a moça estará passando breu nas crinas do arco? Talvez afinando... Não, até as notas da afinação ouvem-se daqui. Pode ser que uma corda tenha se partido e seja preciso troca-la. Na alma da gente há muitas cordas que são distendidas até se partirem. E não há emenda, nem se pôde colocar uma nova. É pena... Por que o violino não toca. Hoje é terça-feira... É a minha terça-feira... Onde está a música que me devem? Última tarde! De qualquer forma, última tarde... Amanhã é quarta-feira. Você sabe disso, carcereiro? Não sabe. Só sabe que existem domingos. O domingo em que você come melhor, e dorme, e vai pescar ou vai na taberna beber.



Os outros dias são belos também mas é preciso este silêncio interior para ouvi-los, sabe? Ah... Agora é o velho, o professor! Bravos! Riso estão me roubando a minha tarde de terça feira, a última tarde... Amanhã, logo de madrugada, começarão a rodar carroças. As rodas de madeira com aros de ferro, farão rumor nas pedras do calcamento. E eu não estarei aqui para ouvi-las... Nem poderei ver o nome do campo que vem à feira da aldeia vender hortaliças, frutas douradas... Um dia uma jovem de lenço à cabeça sentiu pena de mim. Atirou uma laranja de sua cesta. Apanhei-a no ar, atravez das grades. E ela riu... Como foi belo o riso da mulher de lenço na cabeça, de avental colorido e saia rodada! Só as madrugadas surgindo douradas entre nuvens pesadas são belas assim. Porque os companheiros rugiram impropérios, como um céu negro e ameaçador, e ela riu. O riso da mulher veio quente, radioso, como raios de sol na manhã fria... Carcereiro, você já terá chupado muitas laranjas em sua vida. E este povo tem laranjas às dúzias para suavizar a sede, dar prazer ao paladar. Umas serão mais doces que as outras, melhores ou piores. Mas quem poderá se recordar de UMA laranja, como eu me recordo? A casca era mácia, vermelha, como as faces da mulher que me atirou a fruta. Quando a descasquei, o sumo banhou as minhas mãos, perfumando-as... O dia todo eu pude sentir o cheiro da fruta, como às vezes levamos pela vida toda, uma lembrança, um cheiro de mulher. Os gomos surgiram grandes, carnudos, como os lábios da mulher. Eram sumarentos, doces, com um leve travo de acidez, como um beijo perigoso. Eu comi a laranja lentamente. De olhos fechados, pensando na mulher que a atirara nas minhas mãos. Nos seus olhos que se fechavam quando ela ria.. Nos seus cabelos que teimavam em fugir de sob o lenço. Na sua boca vermelha com os dentes brancos e certos... A cabeça de uma mulher que se ergue para o céu, ou para as grades de uma prisão, não importa, é vista do alto, como às vezes podemos ver o rosto da bem amada. Foi assim que eu beijei Mariana, sabe? Ela corria e eu a perseguia. Riamos os dois. Até que pude alcança-la, derrubei-a sob o feno, segurei-lhe os braços. Ela parou de se debater, olhava-me risonha e com um pouco de medo. Seus lábios entre abertos permitiam-me sentir o seu hálito. Seu corpo arfava. E vi os seus olhos abertos, olhando para cima. Eu vi o céu refletido nos olhos da minha amada! Por isso chamaram-me de louco, pois eu disse que o céu é castanho nas tardes azuis!... Eles não sabiam.. Nem você sabe, carcereiro. Você veja sua mulher no escuro e nem sabe qual a cor de seus olhos. Ah, se eu pudesse sair livre disto tudo, se pudesse voltar à vida! Como eu saberia amar! Amanhã... Onde estarei amanhã? Onde estarei, carcereiro? Ah! olhar de desprezo! Eu sei o que você está pensando. Que amanhã estarei pendurado de uma corda, com a língua de fóra, mãos atadas atraz das costas e pés alongados apontando para a terra. Mas aquele será o meu corpo. Eu falo de tudo o que está aqui dentro. Estas recordações, estes pensamentos... Morrem também? Se morrem, de que vale viver? Porque isto é a vida. O que pensamos, o que sonhamos, o que desejamos, isso é a vida.

O corpo...Ora, o corpo...Só o que pensamos, o que dizemos, que vem valer. São coisas informes, invisíveis... Eu antes de morrer, Deus os perdoe! E onde irão minhas palavras? Onde? Se sobem aos céus, meus pensamentos vão juntos. Se ficam rolando pela terra, meus pensamentos ficam juntos. Se morrem, se se acabam, que adianta dizer palavras de perdão? O que fica, se as palavras morrem? Os papéis que os homens de justiça escrevem? "Soldado 1837, do segundo batalhão do primeiro regimento E escreverão meu nome, minha idade. E contarão, à sua maneira, que eu ajudei os inimigos a entrarem nesta aldeia e que muitos morreram...que todos sofreram...Depois terminarão dizendo que fui condenado à morte. Quando me enforcarem poderão dizer: Justiça foi feita. Mas que adiantarão estas palavras escritas? Serão como as palavras que se falam, devoradas pelo tempo. A menina de olhos grandes continuará estudando violino. A mulher do sorriso vermelho continuará vindo à feira vender suas laranjas. Depois os filhos da menina de olhos grandes, da mulher da laranjas...E os netos...E logo elas serão pó, como eu serei em pouco. Que restará desta melodia que chega agora aos meus ouvidos? E o canto das lavadeiras?...E o cheiro de pães assados que enche as tardes de quintas-feiras? Melodias, palavras, cheiros, gestos, onde ficará tudo isto? Apagam-se como as estrelas no céu...Mas as estrelas voltam, são eternas. Oh, não. As estrelas também morrem! O padre disse que as estrelas vivem séculos e séculos mas morrem também. O padre coitado, diz que o mistério é grande e nós somos pequeninos demais. Mas então por que devem existir ódios, castigos, vinganças? Por que? Carcereiro, há pouco bateram seis horas. A que horas o professor chegou na casa da menina de olhos tristes? Você não marcou? Mas não faz meia hora ainda. O professor está roubando minutos. O que vai ele fazer com esses minutos roubados? Onde se pôde depositar os minutos que se roubou pela vida afóra? Onde? As moedas de ouro vão para os bancos ou ficam dentro dos colchões. E os minutos, para onde vão, carcereiro? Você não sabe. Nem o padre sabe...Vocês só sabem que ouve uma guerra, que eu fui um traidor, que todos sofrem e que vou ser julgado hoje. Para que julgamento? Tantas criaturas humanas foram mortas com uma bala, com a explosão de uma granada. Muitos estavam dormindo e não acordaram. Outros corriam, fugindo ou atacando, e caíram para ficar. E também crianças, que ainda não sabiam que estavam vivas, morreram...E eu vou ser julgado. Por que? Ninguém sabe. Mas o resultado todos sabem. Uma força. Hoje eu escutei conversas sob a janela. Falaram para o ato. Mas não disseram onde vão erguer a força. Porque vão erguer uma força, não vão? Não sei a utilidade disso. Se há tantas árvores... Se o próprio carrasco pôde me apertar o pescoco com as mãos...E quem será o carrasco? Não será você, carcereiro? Será um desconhecido que irá me matar sem pena, sem ódio? Eu não seria capaz. Pelo menos sentiria pena...A vida é tão curta, há tanta beleza no mundo e a estupidez humana ainda faz as guerras que matam e destroem.

Teatro de Archa

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Os animais matam, mas não se guerreiam. É o homem... O padre está me falando que as formigas guerreiam. Se é assim os homens estão na mesma altura que as formigas. Somos formigas que pensamos, que falamos, que amamos. Você é formiga, carcereiro. Eu sou formiga... O mundo é um formigueiro. É para que Deus precisará de um formigueiro tão grande? O padre me disse que na grandeza do Universo, nós não passamos de formigas andando - tontas e armazenando comida. Falou-me que as estrelas são maiores que a terra. E nós brigamos. E vão chegar formigas fardadas, de espadas, e galões para julgar a formiguinha que sou eu. Não é perder tempo? Eles vão salvar o que com a minha morte? Eu não sei. Mas precisam matar porque a vida continua. Um formiga carregam seus fardos, outras aperfeiçoam armas para matar milhares e milhares de pessoas. Numa revista que o padre me trouxe eu vi uma bomba... Faz um guarda chuva de fumaça... Para que? Uma bomba daquelas vai matar milhares de homens que não serão julgados. É eu, uma formiguinha, vou ser julgado. Vão contar que eu devia fazer explodir uma ponte. que não fiz, que os inimigos passaram, tomaram a aldeia e mataram inocentes. Então, depois disso, matam-me. Acaso os que morreram voltam à vida? Não voltam... Eu morro esta noite na força porque os homens querem. É esta noite mesmo, pelo mundo afóra, os médicos são vencidos e morrem centenas, milhares de criaturas que não cometeram nenhum crime. Morrem na cama, netre lágrimas, enquanto eu morro numa corda, entre maldições. Mas qual a diferença entre nós, se todos morremos? Eu não entendo... Eu não entendo... É ninguém consegue me explicar. Talvez que hoje, durante o julgamento... Carcereiro, amigo... Hei, amigo... acenda meu cigarro, por favor. A hora do julgamento se aproxima e com ela o meu nervoso aumenta. Não é medo. É medo de sentir medo. Você compreende isso? Medo de parecer covarde, de chorar, de implorar a vida. Porque eu devo morrer. queria mil vezes a morte a esta vida em um túmulo, cercado de homens de pedra. O padre falou-me que posso ser condenado à prisão... Trinta anos, vinte... disse o padre. Mas se isso acontecer eu não terei coragem de esperar, compreende? A morte eu aceitarei, mas isto não. Porque... se eu ficar 30 anos aqui, não estarei vivendo. É quando sair já não poderei viver. É uma espécie de morte pela metade. aqui me falta tudo. Tudo... a vida está lá fóra. Naquelas chaminés que lancam fumaça para o céu, naqueles campos além, que comecam a se cobrir com as sombras da noite que desce... Última tarde... Ah, as crianças... Estão atrasadas, hoje. adeus meninos. Amanhã não estarei mais aqui. Sinto por voces... Pobres crianças. Voces não têm culpa. Foram ensinadas a odiar, e odeiam-me. Contaram-lhes que eu vendi esta aldeia ao inimigo e voces se vingam de tudo o que este povo sofreu... Até você, Ivone? Oh, não... As meninas não devem atirar pedras, nem gritar insultos... Você não boneca... Você não... Pobres criancinhas, pobresinhas!... Elas não têm culpa. Foram voces, os adultos que as ensinaram a odiar. E nem chega a ser ódio. Como recuaram espantadas vendo-me ferido... Pobres crianças! Como vão crescer sofrendo... Senhor, eu vi entre as crianças que me apupavam o menino da ponte. Até ele, Senhor! Poupei as



crianças. Que elas possam esquecer... Que ao menos elas possam esquecer.
Carcereiro, meu amigo, acenda o meu cigarro... Que horas são, amigo?
Não lhe custa responder-me... ou isso, mostre-me o relógio. Obrigado.
Ja deviam ter vindo me buscar. Por que se atrazam? Disse-me o padre que
o julgamento seria feito depois das aulas. As crianças já estão de volta
às suas casas. Já era tempo que me viessem buscar...
Ah, os guardas! Finalmente chega a hora de sair daqui... É um passeio
curto até a escola... Mas é sempre um passeio... É sempre um passeio...
Oh, senhor padre! O senhor veio com os soldados... Obrigado... Eu não
me demoro. Nada tenho para levar. apenas a minha capa, pois a noite deve
esfriar. É um instante. Não os farei esperar... Eu já vou amigos...
Eu já vou... É apenas um instante...

É absurdo, mas eu vou sentir saudades... pensei odiar esta jaula. Mas
deixo aqui um pouco de mim mesmo... Vou sentir falta de tudo...
De tudo... De tudo...

FIM DO PRIMEIRO ATO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SEGUNDO ATO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Meretíssimo senhor juiz... meu superior e representante da Prefeitura pública. Ouí sua acusação feita em termos violentos. O Doutor advogado da defesa, amigo destes últimos dias quando o meretíssimo juiz encarregou-o do meu caso. Sei que o senhor vai lutar pela minha salvação e lhe agradeço do fundo da alma.

Mulheres, homens, crianças...povo que fala a minha língua e que posso chamar de irmão. Senhor juiz, meu amigo, meu irmão... O senhor perguntou se o réu queria dizer alguma coisa em sua defesa. E o réu aceitou o seu oferecimento. O réu precisa falar. Não à acusação...Mas para o povo desta aldeia que tanto sofreu! Eu devo ser culpado! Não creio que um povo tão bom como este possa odiar um inocente. Eu sou culpado! Logo eu estarei morto e todos estarão vingados. Mas permitam que eu fale. Sangue... Até quando iremos nos enfurecer como feras diante do sangue, amigos? Até quando? Vejo homens que falam a minha língua, mulheres que aprenderam a ensinar aos filhos as mesmas orações que ouvi de minha mãe, crianças que ha pouco brincavam, rindo, despreocupadas... Sei que este povo é bom e não compreendo como pode urrar enfurecido, atirar-me pedras, cuspir-me no rosto, esbofetear-me, ferir-me, rasgar minhas roupas. Não compreendo... Não compreendo... Este povo é o meu povo. Numa aldeia como esta todos se conhecem. Eu, nos poucos dias que permaneci aqui, aprendi a querer bem a todos...Lá está a Margarida que me deu flores e me beijou no rosto no dia em que o nosso batalhão chegou... E a avosinha também está aqui...A mulher mais velha da aldeia e que ainda arranjava forças para ir ver os soldados que chegavam... E as crianças estão aqui também...Pedro...Maria...João...Antonia... Faltam muitos...José...Luiz...Ricardo...Esses morreram. Talvez tenham sido mais felizes, pois não viram, como você...você... ou você...os pais serem fuzilados pelo inimigo...O Joãozinho... Alí está ele...viu toda a família ser encostada à parede e derrubada com uma rajada de metralhadora. Só ele escapou. E para que? Olnem para ele. Terá valido a pena sobreviver para arrastar uma vida assim, - de olhos muito abertos, comendo como um animal e como um animal fugindo medroso de todos os seres humanos? E você, Guida? Algum dia poderá esquecer de seu noivo arrastado para a rua e morto com um tiro de pistola, como um animal, enquanto que os inimigos passavam de mão em mão o pouco de pão que restava, a garrafa de vinho e o seu corpo jovem e belo? E o senhor, padre, ainda não se esqueceu da igreja incendiada e dos gritos de horror daqueles que alí procuraram abrigo e alí morreram desesperados? Esqueça-se que é padre, apanhe uma pedra e atire-a em meu rosto como todos querem fazer. Porque eu sou o culpado de tudo o que aconteceu...Eu sou o culpado de todas as mortes, de todos os sofrimentos deste povo!... Meus irmãos, voces devem estar com pressa de terminar com tudo isto para regressar à casa e continuar a vida. Todos têm pressa de voltar a viver. E eu também tenho pressa, pressa de morrer.



Senhor Advogado, que Deus lhe pague ter aceito a minha defesa. Sei que o senhor não podia recusar a ordem do juiz, mas mesmo assim obrigado. Patrícios, eu aceito a morte, estou mesmo esperando-a com ansiedade. Não peço a ninguém para que me deixe viver. Mas há uma coisa que eu preciso esclarecer. Sou culpado, mas não sou um traidor, e muito menos um covarde. E a prova é que não estou tremendo, mesmo agora quando a corda da fôrça está se aproximando de mim. Os covardes choram com medo da morte. E eu, que desejo morrer, não posso sentir medo. Se eu fosse um traidor, talvez estivesse aqui, insultando clinicamente os meus julgadores. Eu também poderia acusa-los, se quizesse. E vocês sabem disso. Entre vocês existem muitos que cometeram crimes... Mas não estou aqui para apontar fraquezas de alguns antigos companheiros ou de novos conhecidos. Não, estou aqui para conversar. Sim, amigos, conversando como fazíamos na minha aldeia, antes que a guerra chegasse. Ah, a minha aldeia... Eu costumava descer dos montes, no fim das semanas, para buscar víveres. E entrava na estalagem, onde ouvia de todos: Como vai, pastor?... Senta-te aqui, amigo... E eu abraçava a um, batia nas costas de outro, apertava as mãos que me eram estendidas. Acabava sentando-me entre amigos... "Anda, Simão, traz mais vinho!"... Era a filha de Simão quem nos trazia jarros de vinho. Parecia dançar nas voltas que dava, passando entre todos e desviando-se das mãos que se estendiam. Às vezes, um mais ousado, chegava a tocá-lo na saia e ela se defendia com uma bofetada... Todos riam e eu sentia aumentar a minha admiração por aquela moça forte e alegre. Parecia-me uma bôa companheira. Ela saberia ficar sosinha em casa, esperando que o marido pastor descesse uma vez em cada semana para passar a noite em casa. E saberia guardar o meu nome, saberia educar nossos filhos... Em tudo isso eu pensava, mergulhando meus olhos nos olhos azuis de Mariana. Depois, enquanto ela se afastava para cuidar da cozinha, eu ouvia as conversas. O lavrador a falar de suas terras férteis, o criador contando do nascimento de alguns bezerros ou a gente da aldeia a falar de seus ofícios: o carpinteiro, o pedreiro, o ferreiro... E quando me cabia a vez de falar, eu contava história das minhas ovelhas. Porque eu fui pastor desde pequenino, amigos. Vivi sempre no campo e aprendi a reconhecer o mêdo no balir de um carneiro, a advinhar o perigo no simples levantar das orelhas do meu cão. Às vezes o lobo rondava esfomeado. E eu era obrigado a usar o cajado para afastá-lo. Afastava-o sem ódio, mesmo quando sabia que ele havia matado uma de minhas ovelhas. Eu compreendia que o lobo era um animal de Deus e que se atacava era por sentir fome. Apenas por isso. Ele só se tornava perigoso quando o inverno era mais forte e que a fome aculava o intestino das feras. É por isso que eu às vezes penso, apesar de rústico e estúpido, que as guerras poderiam desaparecer da face da terra, se os homens não sentissem fome. Sim, porque o homem é um ani-



mal e há ocasiões, como esta por exemplo, em que ele não me parece mais inteligente do que seus irmãos irracionais. Perdoem-me os irmãos se os magoei...Eu não queria. Quero simplesmente lembrar os tempos de pastor. Quando vinha o verão, as noites eram serenas e boas. Na primavera, os machos brigavam entre si. Mas é natural, não é verdade? Eu também briguei pela Mariana. Andei rolando com o Zé do Moinho, mordendo o pó e trocando murros. Ele me deixou este sinal e eu lhe arranquei um dente. Mas essa foi uma briga de que não me envergonho. Os machos sempre brigam na disputa da fêmea. Foi uma briga leal, amigos, que terminou com um aperto de mão, um copo de vinho e risos de todos. Nós só queríamos provar que eramos fortes e corajosos. Na verdade, amigos, ele era mais forte do que eu, e mesmo assim Mariana deu-me sua preferência. Ninguém entende as mulheres, não é verdade? Perdão... não é preciso ficar impaciente. Eu me desviei da história que estava contando. Mas é bom recordar, não é mesmo? Principalmente quando a morte está tão perto...Mas eu falava das noites de verão em que me deitava, sentindo nas costas o calor da terra que é mãe, e vendo no céu a ronda das estrelas. Aprendi dos mais velhos, todas as histórias bonitas do céu e vivia assim, com os pés na terra e a cabeça mergulhada na poeira dos astros distantes. Eu amava a terra, e a vida, e as criaturas que Deus colocou neste seu pobre mundo!...Amava sobretudo as estrelas que estavam distante e por isso mesmo pareciam mais belas as minhas estrelas...Amigos, eu estive encarcerado um ano, a espera deste julgamento. Um ano em que me roubaram o céu. Apenas uma abertura no alto, e gradeada, por onde entrava um pouco de sol ou raios de luar. Eu passei um ano sem ver as minhas estrelas. Por isso fiquei feliz quando me disseram que eu ia ser julgado agora à noite e neste pátio...Mesmo quando me apedrejavam e me empurravam, eu caminhava entre pedras, de olhos erguidos, dando as boas noites às minhas amigas... Lá estão elas...Lá está a primeira que surge e que logo se apaga. Já vai se perdendo...A estrela dos bem-casados...E lá estão também as Tres Marias, juntinhas, sempre unidas...Alí vai surgir, na madrugada, a estrela Dalva...E sôbre a minha cabeça, o Caminho de Santiago... Gosto das estrelas porque elas já estavam alí antes do homem surgir na terra, e alí ficarão mesmo depois que tudo se acabe. E brilham longe da terra, longe da maldade das criaturas humanas, do pó que se levanta ou do lodo que encharca as estradas...Foram sempre elas que me guiaram nas minhas andanças à noite. Sim, porque às vezes um cordeiro se desgarrava, e se perdia. E eu, seguindo as palavras de Cristo, abandonava o rebanho, sujeito a todos os perigos, entregue sómente à proteção Divina e saía vadeando regatos, subindo montes, percorrendo valados, mergulhando nos socavões escuros, para logo surgir numa chapada batida de luar, andando a noite inteira, à procura da cria que se perdera. E era pelo alvorecer, com o cordeiro agasalhado em meus braços, que eu voltava ao redil onde me esperavam o descanso, o calor e a paz.

A paz!...Um dia o céu se tornou escuro, reboaram trovões distantes e súbito, um cheiro de queimado subiu da terra. Andei fugindo de que se aproximava, tangendo o meu rebanho por campinas e banhados e grotas...Mas os homens armados me alcançaram. Compreendi que era só e que não podia lutar contra eles que levaram o meu rebanho. Tiraram-me tudo... Tudo, não! Que os inimigos ainda me deixaram os pés livres, e não me roubaram o céu coalhado de estrelas. Andei vagueando, e encontrando por toda a parte ruína e desolação. "É a guerra", diziam-me. E comecei a odiar a guerra. Um dia fui ao encontro de um outro grupo de homens armados. Mas estes falavam a minha língua, cantavam hinos da minha infância e me contaram que lutavam para expulsar os estrangeiros e para acabar com a guerra. Juntei-me a eles. Entregaram-me um fuzil e ensinaram-me a matar. Deram-me um punhal, deram-me granadas e outras armas. Aprendi a usar até as próprias mãos como armas assassinas. As mãos foram feitas para semear, para amparar, para tanger o gado... As mãos se unem, imitando as folhas da planta que surge da terra, e também se erguem para o alto agradecendo a dádiva da vida...As mãos se juntam em concha para beber...Acariciam, secam o pranto, embalam os pequeninos, agasalham os que têm frio, se estendem para a mulher amada. E eu aprendi a fecha-las em torno de gargantas, susucando gritos, roubando vidas, destruindo meus semelhantes! E não estão tintas de sangue. E eu ainda as uso para comer, para orar e também para esconder o rosto envergonhado de tudo o que fiz. Dizem que fui valente e herói. Eu não compreendo porque...Quando eu era pequenino levaram-me à igreja. E ali um padre...como o senhor, padre, com esses mesmos olhos tristes voltados para o alto, um padre me ensinou que existe no céu um Deus que era pai de todos nós e que ditara as suas ordens a Moisés, em dez mandamentos. Entre esses um dizia:"Ama o teu próximo como a ti mesmo". E outro proibia: "Não matarás!" Não é verdade, padre? Não é verdade que roubar a vida a um semelhante é um pecado mortal? Pois bem, ensinaram-me a matar. E depois colocaram em meu peito fitas coloridas com medallhas pendentes, e vieram homens velhos sábios apertar as minhas mãos. Estas mãos que haviam matado. Disseram-me que eu era um herói. Tudo isto me confunde, e eu não compreendo, não posso compreender. Gostaria que o senhor me explicasse, padre. O senhor pode explicar? Não pode... Dizem que sou muito ingênuo ou muito estúpido para compreender que o mesmo ato possa ser pecado hoje e heroísmo amanhã. Vou morrer sem compreender. Eu aprendi a matar, amigos, mas embora com as mãos sujas de sangue, a minha alma continuava sendo a de um pastor que esperava voltar aos seus montes, deitar-me sentindo o calor dos seus animais, fixando as suas estrelas. E mesmo assim conseguiram fazer com que o ódio penetrasse a minha alma e me cegasse. É o mal das guerras. Deixam-nos cegos para as coisas belas. Rouba-nos o cheiro da terra, quando o inverno a castiga, quando a chuva a penetra ou quando ela renace na primavera. Fecha os nossos ouvidos aos murmúrios suaves, como o balir de uma ovelha ou o cofer de um regato.

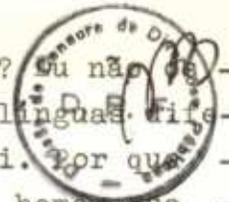
Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Cerra os nossos lábios ou põe neles o grito blásfemo e já não sabemos cantar. Tornei-me arrojado, forte, destemido e cruel. E as vóças beijaram-me no rosto, como você, Margarida...E as velhas deitaram suas bênçãos sôbre mim, como você, avósinha...E nenhum homem me cuspiu no rosto, nem as crianças me atiraram pedras...Perdoe-me, senhor juiz, se me alongo tanto. Mas eu preciso falar na esperança de compreender esta transformação. Eu preciso aceitar a morte que me espera a partir sem odia-los, meus amigos. Creio que tudo foi por causa da missão que me confiaram. Senhor promotor, há pouco o senhor disse que eu fui covarde e traidor...E eu ouvi calado. Não vou desmenti-lo. O senhor é um oficial, é um homem que estudou muito, que tem diplomas e que sabe dizer palavras bonitas. O senhor tem uma aliança na mão esquerda. Logo tem uma esposa, deve ter filhos, e conseqüentemente deve ser um homem digno e honesto. Não iria mentir. Eu devo ser, portanto, covarde e traidor. Mas não compreendo...Amigos, uma noite o comandante falou que precisava de voluntários para um posto de sacrifício. Alguns companheiros deram um passo a frente. Eu tive a impressão que poderiam pensar que eu tinha medo se continuasse onde estava. Foi por isso, só por isso que avancei. Fui o escolhido. E o comandante explicou que eu era calmo que eu podia enxergar melhor que todos os outros, nas trevas da noite, e que sabia distinguir todos os pequeninos ruídos que compoem o silêncio noturno: o cicciar do insêto, o cair de uma fôlha, o passo cauteloso de um animal. Levaram-me para a crista daquele morro além...Daqui mal se avista o contorno da massa que se ergue como uma sentinela da aldeia. Mas subindo-se até lá, pode-se ver que é belo o lugar. Dali se avista todo o vale e esta aldeia, com suas casinhas brancas, lembrando os presépios de minha infância. Dali eu também podia avistar a ponte de ferro que cruzava o rio. Deixaram ao alcance da minha mão uma caixa de ferro com uma haste erguida, em forma de tê. Disseram-me que bastaria empurrar para baixo aquele bastão e a ponte iria pelos ares. Era um trabalho fácil e rápido. O mais difícil, disseram-me, seria esperar atento naquela noite longa e fria. Os outros se afastaram e eu fiquei ali, sosinho, como ficava nos montes onde apascentava o meu rebanho. E como outrôra, sentí a terra em contato com o meu corpo, o cheiro bom das ervas que ali cresciam...Ouví piados de aves noturnas, o canto amoroso dos grilos, o coaxar das rãs e a melodia suave de fios de água descendo pela encosta...Aquilo tudo fez com que eu me recordasse das noites que passei nos montes cuidando de minhas ovelhas. Eu me sentia outra vez pastor. E a serenidade da noite, o silêncio, aquela longa conversa comigo mesmo sob a luz das estrelas, foram como que lavando a minha alma, purificando o meu coração. Fui obrigado a pensar no que eu não desejava. Pensei nos homens que haviam tombado, varados pelas balas que eu atirei...Nos que morreram sem uma prece, lançando uma gota de sangue pela boca, quando eu cravei a baioneta em suas gargantas...E, com horror, pensei nos olhos muito abertos, nas bocas contorcidas, no bracejar convulso dos infelizes que eu estrangulei com minhas



próprias mãos. Eram inimigos diziam. Mas inimigos por que? Eu não conhecia. Não conseguíamos nos entender já que falávamos línguas diferentes. Mas nunca me fizeram mal e eu nunca os prejudiquei. Por que inimigos? Entre aqueles que morreram, talvez existisse um homem que, como eu, gostava de trabalhar na terra, sentindo o cheiro da madrugada, ouvindo o mugir do gado, sentindo o calor do sol que se anunciava. E eles teriam aldeia também, onde criaturas belas sorriam para eles, da mesma forma que Mariana me sorria. Alguns seriam homens casados, com esposas que estariam naquele instante, abraçadas às crianças e desfiando rosários a pedir a Deus que preservasse a vida do pai de seus filhos. E pediam a que Deus? Ao mesmo Deus a quem Mariana devia estar implorando pela minha salvação... Padre, ensinaram-me que Deus é pai de todos os homens. Se é assim, e eu estava como Caim matando o meu próprio irmão, como pedia Ele, que é Justo, perdoar-me? E como poderia ter pena da vítima que ainda lutava para me tirar a vida? Diziam que aqueles homens eram soldados de um chefe que pretendia estender suas terras e poderio. E nós lutávamos para empurrá-los para além das fronteiras... Por que? A terra não é de todos, padre? Quem andou marcando fronteiras e criando bandeiras? Acho que foram a força e a ambição... Mas até quando existirão baionetas apontando para o céu e marcando limites? E porque devem morrer centenas, milhares de jovens que vão para o combate empurrados como ovelhas assustadas e tangidas por um pastor louco? Eu não compreendi naquela noite, naquela noite longa e triste.. E ainda agora não compreendo, padre... Ah, se o senhor soubesse me explicar, eu morreria menos desesperado... Menos desesperado... Ali, no monte, ajoelhei-me e pedi ao Pai de todos nós que me desse forças. Orei, senhores, não com a minha fé pura de criança. Não na óvvida que por vezes me assaltou. Mas na ânsia de encontrar a verdade. Senti-me só no Mundo e queria ajuda. Repeti as palavras que foram ditas há vinte séculos por Alguem que sofreu muito mais do que eu: "Pai, não me abandoneis..." Chorei longamente e pedi a morte para me livrar da terra feia e triste. E assim a noite foi passando. As primeiras luzes foram surgindo, as estrelas desmaiavam no poente e as sombras se alongavam no chão. Foi quando senti na crosta da terra um estremecer nervoso. Ouí um trovão distante e, colado no chão, escutei o coração da terra, pressentindo o rodar de muitos carros. Os senhores talvez nunca tenham experimentado isso, sentir a terra vibrar como o corpo de uma mulher. É preciso ama-la para poder senti-la! Porque a terra que é mãe, responde a todos os apelos do amor e revolta-se contra a violência. Ergui-me. Pressenti os batalhões que avançavam e dei-tei um longo olhar pelo vale aos meus pés. Aquele vale sereno e verde que logo seria um campo de batalha, como um inferno terrível. Olhei a ponte... Sobre a ponte um cãozinho novo trotava, latindo alegremente. Haverá coisa mais bonita do que um animal novo ensaiando os primeiros passos? Tudo o que é novo é belo e digno de amor e proteção. Depois um grito feriu os meus ouvidos

CONTAR

Era um chamado angustioso: "Volte, príncipe... Não fuja... Espere príncipe!" A voz do menino se alongava na planície, batia nos montes e voltava quebrada: "Espere... Príncipe..." As últimas sílabas se guardiam. Vi que o animalzinho parava um instante, olhava para traz, e logo se desviava, fugindo, brincando... O roncar mais perto dos carros despertou-me daquele enlêvo. Por um instante lembrei-me de que devia empurrar a aquela haste de metal. Mas eu vi, senhores, tive a visão daquela ponte subindo aos estilhaços, e o cão, e o menino esfacelados em meio a ferros retorcidos, negros de pólvora. Minha mão que se agarrara à cruzeta, parou no gesto que ia fazer. Senti-me sem forças. Vendo o cão que fugia mais e mais, o menino parou em meio da ponte, chorando. Os senhores já ouviram o choro de uma criança, dentro de uma manhã fria, na solidão do campo? O choro era fraco, mas parecia trazer na sua ressonância, o eco do choro de todas as crianças da terra. Aquele choro me obrigou a despertar de todo... Vocês compreendem? O senhor, padre, que tem tantos filhos e nunca foi pai, não pode compreender. Nem o senhor juiz, que é homem que viveu mergulhado em leis... Ou o doutor promotor... ou o doutor advogado de defeza... É difícil de explicar. Você, Olívia, você que está com um menino no colo, talvez explique aqui como isso acontece. A mãe está dormindo um sono calmo, pesado e reparador. E acorda súbitamente em meio da noite. E ergue-se, vai ageitar a coberta do filho que dorme e que ela escutara chorar. A gente sente com a alma, escuta com o coração, e desperta. Sim, é um despertar de consciência. Porque, às vezes, nós nos acreditamos despertos porque andamos, e comemos, e amamos, brigamos, matamos. Na verdade andamos como sonâmbulos. Foi assim, amigos. Eu estava de olhos abertos, e via, e escutava, mas só naquele instante voltei ao que era. Voltei a ser um pastor humilde, sem ódios, sem grandes ambições. Compreendi que eu estava morto ha muito tempo. Que vocês todos, todos... o senhor juiz, os advogados, o senhor padre, e você Margarida, e você avósinha, e você Pedro, todos vocês estão mortos... Só então pude compreender uma frase da Bíblia que jamais havia entrado em minha cachola de rústico: "Deixai aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos". E era isso que estávamos fazendo. Nós estávamos destruindo gente que já havia morrido, para salvar outros mortos vivos que andavam carregando um lastro muito grande de ódio. Que importava ao mundo você... ou você... ou você ou eu? Só as crianças que ainda haviam vivido, que ainda não tinham tido tempo de aprender a matar, mas que já sentiam na carne os dentes sanhudos da guerra, só estas é que mereciam algum sacrifício. Sim, é preciso salvar as crianças que formarão o mundo de amanhã. Só elas importam. Elas ainda não sabem que existem fronteiras na terra, nas águas e até mesmo nos céus... Ninguém ainda lhes falou num Deus capaz de ódios e vinganças. Elas ainda sabem rir e amam a vida. Elas desconhecem o valor do dinheiro e não experimentaram o trabalho como castigo. Constroem suas casas de brinquedo, armam seus carros, pelo prazer de usar as mãos. O mundo lhes parece imenso, capaz de abrigar a todos os homens da terra, e imaginam que o mar tem peixe bas-



tante para matar a fome de toda a humanidade. Compreendi que não havia nada salvar dezenas de mortos-vivos como vocês, se perecia uma criança. Eu sentia o cheiro da madrugada e senti que nas crianças está a madrugada do mundo novo. Por isso, irmãos, eu tive a coragem de fazer o que já outras vezes fizera: abandonar o rebanho e sair em socorro da ovelha em perigo. Eram as palavras de Cristo que batiam em meu coração. E sem pensar mais, sem temer o castigo que viria depois, atirei-me pela encosta abaixo. Desci correndo, segurei o menino nos braços, ajudei-o a pegar o seu cão, e voltamos os tres para o alto do monte. O cãozinho ladrava alegre, e o menino fingia zanga, mas estava rindo, ria ainda com as lágrimas correndo-lhe pelo rosto. Sim, porque as crianças esquecem facilmente... Elas trazem dentro de si uma ânsia enorme de viver e por isso precisam resistir aos contratempos, às mágoas e aborrecimentos. Olhando para baixo vi que uma patrulha de vanguarda já havia passado e alguns tanques formigavam pela estrada. Outros já atingiam a ponte. E eu, sem ódio, maquinalmente, cumprindo uma oração, empurrei a cruzeta. A ponte foi pelos ares. Ouí gritos de homens e, coisa estranha, não senti pena. De todos os lados estouravam obuzes, o céu se tornou escuro e triste. Já não era madrugada que surgia pura e rosada. Era o inferno da guerra. Homens morriam, matavam, e eu me afastei levando aquele menino pela mão. Parecia-me haver salvo a humanidade! Quando no dia seguinte descemos, eu vim a saber que muita gente morreu por minha culpa. Que a guerra continuava por minha culpa. Que esta vila fôra destruída, como muitas outras, por minha culpa. E eu sou o culpado de tudo, amigos! No mundo inteiro existem crianças sem lar, esposas sem maridos, noivas chorando, mães à procura dos filhos e cidades arrasadas, campos mortos, e cruces, e cruces, e cruces... E eu sou o culpado. Prenderam-me durante tres anos. E agora que voces pensam ter vencido a guerra, querem castigar. Castiguem, mas não acreditem que alguém possa vencer uma guerra. Todos são derrotados! Não há vencedores, nem heróis, só existem vítimas e sofredores. E esta geração de mortos pretende reconstruir para viver em paz! Mas para isso precisam alicerçar a paz sobre o sangue! É preciso matar ainda, e eu estou aqui. Se a terra ainda sente sede de sangue, podem derramar o meu. Se querem mais sacrificios, aqui estou, amigos. Só lhes peço que não demorem muito! Estou cansado... e triste, e desiludido. Entre as mãos que se ergueram para mim, vi mãos pequeninas, de crianças. Entre elas as do menino que salvei. Por que? Por que? Matem-me ainda hoje, dentro em pouco, quando a luz da madrugada estiver varrendo do céu as últimas estrelas, e as crianças durmam cansadas. As crianças não devem ver, nem aprender a odiar. Elas precisam esquecer, irmãos. Matem-me depressa e limpem este local antes que surja a luz do sol. Que se esqueça de que este páteo serviu para um julgamento. Que amanhã o prédio volte a abrigar as crianças como escola que sempre foi, e que elas brinquem aqui. E a senhora, avosinha, conte-lhes histórias bonitas de nomes que trava -

lham cantando, e enterre suas recordações tristes. E você, Olivia, não dê o peito para o seu filho, agora, quando está me fitando assim, com ódio. Seu leite não pode ser bom. Padre, abri a porta e vossa igreja e repicai os sinos como nas manhãs claras de procissão. Senhores juizes, advogados e professores, mandai queimar todos esses papéis que chamam de heróis os loucos do passado. Manoel, batei o aco e soprai a forja no ritmo do trabalho. Homens do campo, voltai para os vossos araos, e limpai a terra para que ela possa receber os grãos das sementeiras. Mulheres, cerrai os olhos para que não enxergueis a justiça dos homens. Assim estareis protegendo os frutos de vossos ventres. Matai-me. E matai em mim, irmãos, os velhos ódios, as velhas ambições, o egoismo, a inveja... Que eu seja a última vítima do vosso rancor. Eu sou o culpado de todo o sangue que sujou a terra. Castigai em mim, pobre pastor, a loucura de todos os homens.

Senhores, acabais de ouvir as palavras do réu. Cabe a vós o julgamento. Julgai, homens de todo o mundo! Julgai mulheres de todas as raças!

FIM

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CORTAR